

“MULTILETRAMENTOS NA ESCOLA PÚBLICA”: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA COM BASE NA PEDAGOGIA DOS MULTILETRAMENTOS

"MULTILITERACIES IN PUBLIC SCHOOL": A PROPOSAL FOR CONTINUING EDUCATION BASED ON PEDAGOGY OF MULTILITERACIES

Cláudia Gomes

Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: Neste artigo fazemos alguns apontamentos acerca do curso de extensão “Multiletramentos na Escola Pública” a fim de evidenciar algumas de suas potencialidades em relação à formação de professores do ensino fundamental na perspectiva dos multiletramentos. A discussão teórica parte dos questionamentos propostos pelo New London Group (1996) revisitados por Kalantzis e Cope (2011), sendo eles “O Porquê”, “O Quê” e “O Como” dos multiletramentos. Relacionados a eles, elencamos considerações sobre: Prática Situada, Instrução Explícita, Concepção Crítica e Prática Transformada (NLG, 1996; KALANTZIS e COPE, 2013) e, em termos de aspectos relativos ao *Available Design, Designing e Redesigned* (NLG, 1996), que organizam conteúdos a questões socioculturais em situações de aprendizagem. E, ainda, consideramos pontos relacionados ao Experienciando, Conceitualizando, Analisando e Aplicando conforme Kalantzis e Cope (2011), elementos caracterizadores de ações durante o processo de aprendizagem. Em linhas gerais, pretendemos argumentar que as propostas de formação de professores devem acompanhar as mudanças sociais e, hoje, com a Web 2.0 os profissionais da educação se veem perante novos desafios, principalmente o de trabalhar com novas ferramentas digitais em sala de aula. Dessa maneira, em um espaço de formação, esses desafios podem ser pensados, repensados e articulados com as práticas em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de Professores; Pedagogia dos multiletramentos; Dimensões transformadoras.

ABSTRACT: In this article we present the extension course "Multiliteracies at Public School" in order to explain some of their potential in relation to the training of elementary school teachers from the perspective of multiliteracies. The notes start from the questions proposed by the New London Group (1996) and revisited by Cope and Kalantzis (2013), namely "The Why," "what" and "The How" of multiliteracies. Related to them, we list some considerations about: Situated Practice, Instruction Explicit, Design and Critical Practice Transform (NLG, 1996; KALANTZIS e COPE, 2013) and in terms of aspects of Available Design, Designing and Redesigned (NLG, 1996), organizing content to socio-cultural issues in learning situations. And yet, we consider points related to Experiencing, Conceptualizing, Analyzing and Applying according Kalantzis e Cope (2011), characteristic elements of actions during the learning process. Generally speaking, we intend to argue that teacher training proposals must accompany social changes and today, with the Web 2.0 education professionals find themselves facing new challenges, especially working with new digital tools in the classroom. Thus, in a training space, these challenges can be thought, rethought and articulated with the practices in the classroom.

KEYWORDS: Teacher Training; Pedagogy of Multiliteracies; Transformative dimensions.

Introdução

“A internet prevalecerá”, esta afirmação de Pierre Lévy (2014) em palestra intitulada “Cyberdemocracy Today” ecoa vozes de professores da educação básica brasileira, ao afirmarem que “o uso do computador e da internet representa oportunidades tanto de inovação tecnológica quanto pedagógica”, ou ainda que “ a internet também é ícone de avanço tecnológico e recursos digitais”. Esses excertos em evidência (tanto os anteriores quanto os seguintes) foram recortados de um evento de formação de professores¹ ilustrando posicionamentos sobre o uso do computador e da internet na escola. Esses professores buscaram respaldo em seu conhecimento de mundo, mais especificamente no que se refere às experiências de vida de seus alunos, pois “é a linguagem (internet) com a qual os alunos estão mais familiarizados, por isso é fundamental que seja incorporada às aulas”. E, ainda, destacaram benefícios com o uso da internet como a economia de tempo, a rapidez para se encontrar uma informação, “tudo está mais rápido, a vida está muito rápida” e os jovens precisam aprender a lidar com isso, e que seja por meio de um recurso carregado de atrativos sim, mas “cabe a nós educadores unir o interesse e o conhecimento tecnológico à construção de sentido, de conhecimento e aprendizagem significativa”, considerando que o uso de ferramentas digitais na sala de aula podem fazer com que os alunos aprendam melhor.

É conveniente situar o contexto em que foram produzidas essas afirmações e frisar que a intenção foi o levantamento de opiniões, e ainda lembrar que falas nesse sentido permeiam vários ambientes dos professores da escola pública, tanto para manifestações favoráveis quanto desfavoráveis sobre o uso da internet na sala de aula.

Assim, com base na palestra de Lévy, recuperamos a informação de que a internet tornou-se espaço comum para congregar culturas e pessoas, apresentando consideráveis avanços nos últimos 20 anos e, com o advento da Web 2.0, hoje ela é o principal meio de comunicação, garantindo a circulação da informação em tempo real, o que acarretou mudanças sociais, tanto para o comportamento individual quanto para o coletivo. Lévy (2014) assinala que na sociedade contemporânea a limitação é cognitiva, não mais econômica ou técnica, dessa maneira ter conhecimento para saber lidar com ferramentas

¹ Os excertos entre aspas são decorrentes de questionário semiestruturado aplicado durante curso de extensão para formação continuada de professores do Estado de São Paulo, intitulado “Multiletramentos na Escola Pública”, 2ª edição (agosto-novembro, 2014), ministrado no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL-Unicamp).

tecnológicas, com o excesso de informações em tempo real e, ao mesmo tempo, estar em conexão com o local e com o global em tempos de internacionalização são alguns dos desafios de uma sociedade conectada.

Nesse sentido, estreitamos uma discussão acerca da necessidade de os professores lidarem com tais mudanças e dos anseios para aliar novas tecnologias e recursos digitais aos planejamentos diários, o que vem corroborar o primeiro objetivo deste artigo, que se concentra em apresentar o curso de extensão “Multiletramentos na Escola Pública” e relacionar alguns aspectos teóricos nos quais a sua proposta está baseada. Com mais especificidade, esboçamos apontamentos tomando elementos-chave propostos pelo New London Group (1996) e revisitados por Kalantzis e Cope (2013), sendo eles “O Porquê”, “O Quê” e “O Como” dos multiletramentos, buscando visualizar algumas implicações em comum entre a teoria e a proposta de formação descrita. A título de levantar indícios que podem suscitar discussões mais aprofundadas, elencamos algumas considerações sobre a pedagogia transformadora dos multiletramentos discutidas por Kalantzis e Cope (2011, 2013) e o NLG (1996). Assim, em última análise, a intenção é evidenciar algumas potencialidades desse curso de extensão em favor da formação de professores do ensino fundamental na perspectiva dos multiletramentos.

Bases da Pedagogia dos Multiletramentos

Há pouco mais de uma década a escola privilegiava tecnologias tradicionais como o quadro de giz e o livro impresso e não contava com ferramentas digitais avançadas. Hoje, principalmente o computador se faz presente e deixou de ser um bem inacessível, não só em situações de ensino como também na vida diária. Essa máquina evoluiu na mesma proporção das ferramentas e aplicativos, esses, com seus recursos funcionais, empoderaram novas maneiras de comunicação e, com certeza, uma das razões para o sucesso da era da comunicação foi a alta potencialidade de processamento para conversão entre multimídias e textos multi/hipermodais.

Ao tratar de letramento no âmbito digital, Buckingham (2010) sinaliza que há quatro aspectos conceituais básicos que precisam ser considerados: a representação, a língua, a produção e a audiência. Por representação, o autor entende que como toda mídia, a digital representa o mundo, em vez de só refleti-lo; já a língua envolve uma consciência

dos códigos e das convenções, compreende parte da gramática de certas formas de comunicação. A produção e a audiência envolvem a consciência de letramento, na primeira a pessoa sabe o quê está comunicando, para quê e para quem, e na segunda envolve uma consciência de sua própria posição enquanto leitor ou usuário.

Dessa maneira, ser letrado digitalmente também envolve ler e escrever no meio digital, manusear a grande quantidade de dados *online*, bem como lidar com a publicação e republicação de informações. Isso vem acarretando implicações nas maneiras de como ensinar e aprender, como lidar com as facilidades da convergência de mídias, o que conseqüentemente gera mudanças para a prática escolar, que já não se pode sustentar confinada a uma noção estreita de letramento, restrita ao impresso ou à leitura linear.

O manifesto que enunciou a Pedagogia dos Multiletramentos por meio do New London Group em (1996) lançou questionamentos considerando “*O Porquê*”, “*O Quê*” e “*O Como*” dos multiletramentos, que foram tomados como diretrizes por Kalantzis e Cope (2011) para buscar compreender por que privilegiar os (multi)letramentos na escola continua sendo prioridade hoje. Esses autores destacam o que mudou no contexto social mundial nesse ínterim, por exemplo em relação às tecnologias de comunicação, ressaltando por sua vez algumas implicações para o contexto escolar, o que buscamos visualizar a seguir.

“*O Porquê dos multiletramentos*”. O direito à educação ganhou força no discurso político com a Revolução Industrial, hoje a pauta é o acesso e a permanência na escola. Assim como naquela época, a sociedade contemporânea deposita na escola grande responsabilidade para promover a equidade e ascender as pessoas socialmente, pairando sob o senso comum a crença de que o letramento escolar é a chave para se alcançar bons indicadores sociais, por exemplo.

Kalantzis e Cope (2011) trazem para a discussão que é preciso olhar para a sociedade, suas transformações na vida pública e social, observando como estão ocorrendo as relações e transformações com o trabalho, as cidades e as pessoas. Hoje o mercado reivindica um trabalhador antenado com as necessidades do mundo globalizado, capaz de articular os conhecimentos com eficiência, lidar com a dinâmica da comunicação digital e de uma vida conectada em rede. Nessa ótica, a escola deve perseguir uma educação que dê conta de alcançar seus objetivos de ensino sem deixar de acompanhar os avanços tecnológicos, a fim de atender às demandas da sociedade do conhecimento globalizado.

E, a partir disso, chamam a atenção para o contraste que se instaurou entre o velho e o novo capitalismo, as implicações econômicas na organização do mercado e das formas de trabalho. Nesse sentido, defendem que ensinar com base nos (multi)letramentos pode ser uma maneira de preparar melhor os alunos para competir no novo mercado, no entanto, muitos professores têm utilizando novas ferramentas digitais para reforçar antigas práticas de ensino da leitura e escrita tradicionais. As práticas que visam os novos/multiletramentos buscam abarcar letramentos que estejam em consonância com a flexibilidade das comunicações e tecnologias da informação, levando em conta também diferenças sociais e diversidades culturais.

“O *Quê dos multiletramentos*”. A proposta traz a concepção de uma representação como *design*, que tanto pode significar uma estrutura interna ou morfologia do objeto, quanto uma ação de construção de um projeto, no sentido de caracterizar o que se faz durante o processo de representação de significados. Para o desenvolvimento de uma “aprendizagem pelo *design*”(NLG, 1996) são considerados três padrões que compõem o processo de significação na construção de significados, sendo: o *Available Design* para formas de representação, recursos do contexto, da cultura, das convenções; o *Designing*, que são as ações realizadas durante a construção de sentidos, envolvendo suas apropriações e transformações em projetos/propostas disponíveis e o *Redesigned*, que se realiza por meio de reorganizações, visando a transformações pessoais ou de grupos (comunidades).

Uma proposta de ensino de cunho crítico tem potencial para recriar espaços de aprendizagem a partir de perspectivas próprias e de outros. Seus projetos visam a ampliação e a geração de novos conhecimentos, vislumbrando a aplicabilidade em outros contextos e/ou situações.

Nesse sentido, a intenção é priorizar conteúdos considerados relevantes para os alunos, admitindo-os como desenvolvedores de seus próprios projetos de ensino (*designs*). Para tanto, são valorizadas: as capacidades para letramentos heurísticos, a postura autônoma, a capacidade de construir significados a partir das próprias ações, a adaptação às novas maneiras de viver em uma sociedade dinâmica e a abertura para as diferenças.

Evidentemente, ao reconhecerem uma proximidade do seu mundo social e familiar na sala de aula, os alunos podem criar sentimento de pertença, abrindo espaço para uma análise crítica positiva da própria realidade. Os professores, por sua vez, podem partir de

propostas delineadas pelos alunos em reconhecimento às habilidades já desenvolvidas, como orienta Kalantzis e Cope (2011), mas, se necessário, devem intervir em propostas simplistas e criar condições de ensino, evitando que se caia no engodo de que o que os alunos priorizam deve ser intocável para não gerar conflito. Os autores ressaltam que a valorização das experiências pessoais e comunitárias é um caminho, por isso é prudente reforçar que não é um fim em si mesma.

“O *'Como dos multiletramentos'*”. Na última década, diante de uma queda generalizada no aproveitamento, a escola se viu forçada a repensar o ensino da escrita, por isso muitos sistemas de ensino retomaram algumas práticas tradicionais alegando a necessidade da volta às práticas de “bons” resultados. Uma das ações foi o investimento em testes padronizados, submetendo alunos a uma seleção injusta, desconsiderando sua individualidade, mas justificada pela universalidade de habilidades e conhecimentos. Outro ponto explorado pela escola foi o retorno ao foco no conteúdo, este em função dos testes. No campo da alfabetização nas séries iniciais, muitos projetos pedagógicos voltaram a valorizar o som e a letra e a competência para dominá-los, o que configurou um movimento denominado de “volta ao básico”, enquanto na vida social as crianças aprendem letras e sons em ambientes complexos e multimodais, como hoje com os jogos no computador, onde dominam outros sentidos além da letra e do seu som correspondente, e sem o auxílio do professor (GEE, 2004a, apud COPE; KALANTZIS, 2013).

Um olhar crítico lançado para a escola questiona o que se fez para o ensino dos multiletramentos. Primeiramente não foram constatados avanços consideráveis, nem nos conteúdos, nem na estrutura física, tampouco na burocracia escolar. No entanto, algumas ações isoladas merecem destaque, como as teorias de Dewey, Montessori e no Brasil Paulo Freire (para lembrar as que estão mais próximas de nossas discussões) que foram determinantes para a reconfiguração de propostas curriculares.

Nesse contexto, novas teorias de aprendizagem trouxeram a visão da linguagem como um todo para a alfabetização, equilibrando-a com o conteúdo fonético. Os estudos de Kress (2003), por exemplo, citados por Cope e Kalantzis (2013) mostram que a escrita lida com modos diferentes, com uma gramática específica que não faz sentido para todos os alunos, pois suas implicações não se restringem à forma e estrutura, mas envolve a formação da identidade. Os autores enfatizam que uma pedagogia que se volta para o desenvolvimento de habilidades isoladas e privilegia o processo de transmissão está em

contradição com a pedagogia dos multiletramentos, que destaca as noções de *design* com caráter transformador.

Professores cientes de que seus alunos estão inseridos em uma sociedade que privilegia o conhecimento, que exige novas reconfigurações de trabalho, valoriza a criatividade e a iniciativa. Então a chave está em pensar o desenvolvimento do “como” dos multiletramentos em torno de práticas experimentais baseadas em pesquisas no contexto escolar.

Dimensões transformadoras

A pedagogia transformadora para os multiletramentos parte de quatro dimensões propostas pelo New London Group (1996): a) Prática Situada, relacionadas às experiências de mundo, aos significados situados em contextos do mundo real; b) Instrução Explícita, quando alunos usam metalinguagem de *design*; c) Concepção Crítica, para análise e interpretação do contexto social e cultural, das políticas, das ideologias e valores e letramento crítico e d) Prática Transformada, articula um alcance às transformações e recriações de significados, envolve projetos significativos e transferência de conhecimentos entre contextos.

Essas dimensões estão diretamente relacionadas ao modelo disponível pelo NLG (1996) em relação aos aspectos do *Available Design*, *Designing* e *Redesigned*, que organizam aspectos dos conteúdos que se relacionam a questões socioculturais em situações de aprendizagem.

Assim, o *Available Design* está para as formas de representação, recursos do contexto, da cultura, das convenções para a construção de significados e, quando o aluno traz seus letramentos carregam com eles conhecimentos do senso comum; o *Designing* é reconhecido no processo de construção, no que se refere às ações realizadas durante a construção de sentidos, envolvendo suas apropriações e transformações em projetos/propostas disponíveis. Aqui os alunos trazem seus conhecimentos do passado para trabalhá-los no presente, ressignificando-os; e o *Redesigned* se refere ao que pode ser reconfigurado e que se realiza por meio de reorganizações, em vistas a transformar pessoas e seus contextos. No campo do *Redesigned* o conhecimento construído se projeta no futuro de maneira reorganizada e com proposta de readequação, por exemplo,

o aluno é capaz de imaginar como suas ideias podem ser realizadas/projetadas no futuro a partir do que foi pensado e organizado no presente.

Tais elementos de *design* são úteis na prática educacional para observar o que está além da estrutura, ou seja, além do que está convencionalizado, a fim de atingir também o que ocorre no âmbito relacional, além dos padrões e esquemas já postos socialmente, pois esses tendem a consolidar uma estrutura que geralmente não é questionada em seu cotidiano.

Tendo como finalidade levar para a prática uma proposta que amplie a aplicabilidade dessa teoria, Kalantzis e Cope (2011) se referem à uma abordagem de ensino e a aprendizagem com foco em aspectos relativos ao fazer, à multimodalidade, à globalização e à economia do conhecimento. Consideram as mudanças sociais e econômicas, as novas formas de comunicação tecnológicas e as expectativas dos alunos - de que a educação contribuirá para sua ascensão pessoal, cívica e profissional.

Por conseguinte, propõem a “Aprendizagem pelo Design”, uma proposta de ensino com base em projetos, onde pesquisadores e professores trabalham em equipe para criar ambientes de aprendizagem e refletir acerca de novas práticas. Isso implica adotar abordagens pedagógicas vinculadas às tecnologias digitais, visando transformar ambientes de aprendizagem e adequá-los a um mundo que está em constante mudança, projetando futuros ambientes de aprendizagem que devem atender às expectativas da sociedade tecnológica. Criar ambientes de aprendizagem é um desafio para professores devido à necessidade de captar os interesses dos alunos, os quais estão cada dia mais conectados com um estilo de vida digital e globalizante, cultivando novos conceitos sobre o que é aprender e trabalhar.

Nessa perspectiva, buscaram visualizar as quatro dimensões propostas pelo New London Group por meio de elementos caracterizadores de ações durante o processo de aprendizagem. Assim, alunos estão: a) “*experienciando*” o conhecido quando partem das próprias experiências, interesses e perspectivas, o novo quando observam ou participam do desconhecido estabelecendo contato com novas situações ou conteúdos; b) “*conceitualizando*” ao nomear grupos de pessoas, relacionar coisas em categorias e eleger termos; e conceitualizando: ao aplicar, durante classificações e definições e ao teorizar para fazer generalizações usando conceitos e conectando termos de mapas conceituais ou teorias; c) “*analizando*”: funcionalmente ao utilizarem conexões lógicas, causa e efeito, estrutura e função; e criticamente para avaliar perspectivas próprias e de

outras pessoas, interesses e motivações; d) “*aplicando*”: adequadamente um novo aprendizado para situações do mundo real e são capazes de testar a sua validade; e aplicam criativamente no contexto por meio de intervenção inovadora ou transferindo sua aprendizagem para um contexto diferente.

Nesse estudo, Kalantzis e Cope (2011) ressaltaram que foi possível perceber a tendência da escola em privilegiar a Prática Situada e a Instrução Aberta em detrimento da Concepção Crítica e da Prática Transformada, enfatizando que professores têm encontrado mais dificuldade para desenvolver a ação pedagógica com foco na análise crítica.

Por muito tempo a sala de aula foi um lugar de exercício da passividade, refletindo uma organização social que não contesta o poder econômico e político. Hoje esse espaço busca construir uma nova identidade e, para isso, deve se situar como lugar de produção do conhecimento e também de criatividade, considerando as transições, as capacidades humanas em evidência, a flexibilidade das organizações, as negociações, os relacionamentos interpessoais, as identidades, as redes sociais, o saber usar a tecnologia, a estética, os valores no campo do trabalho, dentre outros.

Novas práticas e novos ambientes surgiram na nossa sociedade impulsionados pelos avanços tecnológicos. A escola não pode ignorar que há uma nova formatação, uma nova organização social que reestrutura maneiras e ambientes de aprendizagem, isso faz com que ela esteja mais aberta para integrar a ambientes de aprendizagem que estão “fora” da sala de aula, mas que podem estar presentes no ambiente escolar virtualmente. O que não justifica submeter esse ambiente a um espaço físico específico, determinado, concreto, sendo que os ambientes virtuais têm o poder de manter os espaços físicos na dimensão virtual, seus conteúdos nas “nuvens”, fragmentando-os ou articulando-os na web, ampliando possibilidades de conexão e projeção. Assim, quando novas práticas em novos espaços são criadas ou repensadas isso não implica em destituir tudo o que já se construiu, mas traz para a escola a oportunidade de rever e remodelar seus objetos de ensino e sua pedagogia. Podemos dizer que a virtualidade ganhou terreno e se instalou nas vidas pessoais, globalizando conhecimentos, e o que era estático hoje pode ser dinâmico, interativo, cooperativo e integrado amanhã em um breve espaço de tempo.

Os multiletramentos abarcam a variedade dos canais de comunicação, da diversidade cultural e linguística, das convenções e seus significados para desenvolver

designs favoráveis à compreensão das mudanças emergentes da sociedade hoje globalizada. No entanto, essa mesma sociedade projetada no global também se volta aos interesses das comunidades locais, do trabalho, dos bens públicos, enfim, da cidadania.

Uma proposta de formação de professores para os multiletramentos

O curso de extensão “Multiletramentos na Escola Pública”² é um projeto do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, de caráter teórico-prático e interdisciplinar, com a finalidade de “formar professores de diferentes áreas do conhecimento para lidar com processos de busca e leitura crítica de informações que circulam na internet e para a produção e divulgação de materiais multimodais” (PROJETO..., 2014). Na sua 2ª oferta, de agosto a novembro de 2014, atendeu 25 professores, com 100h de atividades distribuídas em: 40 horas presenciais, sendo 20h (teoria) e 20h (prática) e 60 horas a distância (via plataforma Moodle). Para fins de certificação os participantes deveriam cumprir o mínimo de 75% das aulas presenciais e das atividades a distância, mas conforme avaliação final a média de aproveitamento foi de 90%.

O conteúdo programático contemplou, como ponto de partida: leitura de textos visuais, leitura na internet e produção de textos no ambiente digital, problematizações sobre o plágio na escola. Em seguida trabalhou o conteúdo do “Google Search Education”³, testando comandos aplicados à busca de conteúdo online no laboratório de informática, para: escolher os termos apropriados; entender os resultados de busca; filtrar a busca para obter os melhores resultados; avaliar criticamente as fontes encontradas; discutir e avaliar a questão do plágio e a própria questão ética em meio ao fluxo de

2 O curso é administrado na Secretaria de Extensão do Instituto de Estudos da Linguagem IEL-UNICAMP, vinculado à Extecamp – Educação Continuada da Unicamp, e coordenado a partir do Programa de Doutorado em Linguística Aplicada do IEL-UNICAMP. O site do curso, disponível em: <<https://www.extecamp.unicamp.br/extensao.asp>>, acesso em 28 jun. 2014, hospeda as informações gerais sobre ementa, datas, requisitos para participação e disponibiliza as inscrições.

3 Material pedagógico direcionado aos professores a fim de contribuir para que seus alunos se tornem pesquisadores melhores. Objetiva que alunos compreendam como usar eficazmente a pesquisa na web para encontrar fontes de qualidade adequadas à essa tarefa; e que o professor compreenda e aplique, em sala de aula, as lições do Google Search Education para orientar os alunos a usar a pesquisa de forma significativa em seus trabalhos escolares e em outros contextos. Disponível em: <<http://www.google.com/insidesearch/searcheducation/lessons.html>>. O conteúdo foi traduzido e as atividades adaptadas para melhor aproximação da realidade brasileira.

informação no mundo digital. O curso avançou com a “realização de atividades laboratoriais envolvendo a aprendizagem e produção de material multimodal com programas de áudio e vídeo, como o Audacity e o MovieMaker”; atividades em “plataformas de aprendizagem colaborativa como o Googledocs, a Wikidot e o Scratch”; e, por fim, os cursistas desenvolveram propostas de ensino voltadas para o uso de novas tecnologias no ensino (PROJETO ..., 2014).

Durante sua aplicação, visou a promover uma discussão envolvendo os letramentos grafocêntricos e hipermediáticos para o ensino. Evidencia que as novas tecnologias da informação e da comunicação (doravante, TIC) e, em particular, a internet que (...) vem possibilitando novas práticas de multiletramentos bastante diversas das práticas tipográficas da era pré-internet. Isso vem acontecendo, sobretudo, após o advento da Web 2.0, em que novos mecanismos vêm sendo criados, possibilitando novas condições técnicas e socioculturais para a ampliação de práticas comunicativas no mundo digital, nas quais as pessoas não apenas recebem, mas também publicam informações no sistema, desconstruindo-se, assim, as próprias categorias tradicionais de autor e de leitor (PROJETO, 2014).

Assim sendo, esta proposta de formação reconhece o alcance das teorias dos multiletramentos tanto para as transformações sociais quanto para a reconfiguração escolar ao lidar com questões transformadoras da nova era digital.

Nesse contexto, o termo multiletramentos “(...) está relacionado à crescente multiplicidade e integração de modos de construção de significado, em que o textual está integrado ao visual, ao áudio, ao espacial e ao comportamental, etc. (...)”, conforme definido na esteira do The New London Group (1996, p. 64, apud PROJETO, 2014). Em uma perspectiva mais restrita relaciona-se com a formação de professores por situá-la no contexto de uma sociedade globalizada, com diferenças culturais e linguísticas, que exige a construção de práticas multiletradas e multimodais na escola. Tais práticas estão de acordo com as características idealizadas para este novo aluno inserido em uma sociedade hiperssemiotizada, que estabelece novas demandas, por isso o projeto enfatiza que não basta o investimento em máquinas (referindo-se aos equipamentos tecnológicos nas escolas como laboratórios de informática, netbooks educacionais e outros equipamentos), mas é imprescindível o investimento na formação do professor.

Propor uma formação para uma pedagogia dos multiletramentos implica lidar, pelo menos, com duas forças. A primeira é social, a qual que exige uma educação para o mundo digital, a segunda é profissional, pois muitos professores têm receio e até

preconceito de trabalhar com novas tecnologias e com a internet durante suas aulas. Nesse embate, a escola se distancia das práticas de leitura e escrita que circulam em ambientes da Web 2.0, então, o projeto questiona a dificuldade da escola em se inserir no ciberespaço e criar novas formas de atuação na rede, reconhecendo que “relações entre autor e leitor significa que qualquer pessoa no ciberespaço pode ser ao mesmo tempo, produtor, difusor e consumidor de textos, levando à inexistência de centros exclusivos de difusão textual, uma vez que qualquer um pode ter hoje o seu blog ou a sua página na internet” (PROJETO..., 2014). E, por fim, ressalta que esta ação de formação busca propiciar aos professores um lugar de discussão, análise e elaboração de propostas de ensino que promovam práticas multiletradas.

Tomando este contexto como um evento de letramento, apresentamos apontamentos com o intuito de ressaltar algumas especificidades que coadunam com os questionamentos revisitados por Cope e Kalantzis (2011) na discussão do ‘porquê’, do ‘quê’ e do ‘como’ na proposta dos multiletramentos.

“*O Porquê dos multiletramentos*”⁴ se pauta em uma concepção social e histórica visando entender como transformações sociais repercutiram no ensino nos últimos tempos. Propostas educacionais também acompanham tendências de comportamentos sociais que se revelam em várias fases do fazer pedagógico, por exemplo, em remissão ao período do ensino tradicional, o enfoque se deu nas disciplinas específicas, no qual o professor não precisava “conversar” com outras disciplinas (ou seja, os conteúdos eram ensinados de maneira estanque). Em outro momento foi forte a abordagem de ensino que buscou integrar conteúdos e estabelecer trocas de saberes entre as áreas do conhecimento, a primeira indicação se concentrou em uma proposta de base interdisciplinar, depois foi ampliada para transdisciplinar, a fim de criar possibilidades para interligar conhecimentos, o que influenciou, em alguma medida, várias teorias educacionais de ensino e aprendizagem.

Dentre as teorias de aprendizagem que se despontaram, a pedagogia de projetos⁵ é a que mais se aproxima da aprendizagem pelo *design* proposta por Kalantzis e Cope

4 Remetemos ao quadro: The ‘Why’ of Multiliteracies: Social Transformations. Disponível em: <<http://newlearningonline.com/multiliteracies/theory>>. Acesso em: 27 mai. 2014; o qual sintetiza um panorama, em ordem cronológica, das principais mudanças na organização social, retomando a concepção de trabalho fordista, destacando as relações da ordem cívica, do comportamento humano e por fim, da aprendizagem.

5 “A expressão Pedagogia de Projetos pertence ao conjunto de elaborações teóricas difundidas, principalmente, pela francesa Josette Jolibert e seus colaboradores, engajados ao Instituto Nacional de

(2011), pois privilegia uma educação pela ação, que possa permitir autonomia para os alunos. Para isso eles precisam transitar entre o conhecimento específico e o geral, mas também conviver com a pluralidade e com a individualidade, ter bom relacionamento interpessoal, ser proativo, estar atentos com as culturas, com as diversidades locais e com a cultura global, são posturas e habilidades cada vez mais exigidas pelo mundo do trabalho, principalmente no que diz respeito às novas reconfigurações das profissões e das necessidades da sociedade moderna.

Tais discussões perpassaram a ementa dessa proposta de formação vinculadas às questões de como lidar com o letramento tradicional e os novos letramentos, no que concerne aos usos de recursos hipermediáticos na leitura e na escrita. Dessa maneira, o professor busca situar-se para entender que a entrada das novas tecnologias na escola tem sua relevância para o desenvolvimento linguístico, cultural e social dos alunos e isso pode influenciar diretamente a ação docente em seu ambiente micro, a sala de aula.

“O *Quê dos multiletramentos*” remete a uma concepção de representação como *design*, que leva em conta a estrutura interna ou morfologia do objeto e, por outro lado o ato de construção, priorizando tanto conteúdos considerados relevantes quanto o processo de representação de significados. Um recorte da proposta do curso “Multiletramentos na Escola Pública” (PROJETO..., 2014) na perspectiva da proposta teórica do New London Group (1996), temos para: i) o *Available Designs* (designs de significados disponíveis; recursos significativos) disponível pelos conteúdos: leitura e escrita no ambiente digital; plágio; *Google Search Education*; *Audacity*, *MovieMaker* e *Scratch*; *Googledrive* e a *Wikispace*; ii) o *Designing* (trabalho realizado na/com o *Available Designs* no processo de construção de sentido), atividades referentes à leitura crítica, discussões, realização de atividades laboratoriais, proposição de projetos de ensino com base em: leituras e produção de textos digitais; recursos para processos de busca na internet (escolher os termos apropriados; compreender os resultados de busca; filtrar a busca para obter os melhores resultados; avaliar criticamente as fontes encontradas); aprendizagem, uso e produção de material multimodal; plágio e ética no mundo digital e projetos de ensino com as novas TIC; e iii) o *Redesigned* (os recursos que são

reproduzidos e transformados através do *Designing*) a elaboração de propostas de projetos de ensino interdisciplinares que incorporem os conteúdos trabalhados no curso.

Muitos dos cursistas que tiveram contato com tais conteúdos foram formados em uma época em que o ensino era focado na escrita gráfica e linear do livro impresso. Agora se depararam com a exigência de ensinar além do livro impresso, de lidar com as relações multi/hipermodais do texto digital, bem como com as nuances do que se dá no letramento digital.

“*O Como dos multiletramentos*” está para a aplicação do conteúdo dessa proposta de formação permitindo ao professor desenvolver práticas multiletradas, principalmente por ela estar aberta a adaptações dos recursos utilizados em suas próprias propostas de atividades. Os relatos dos participantes desse curso mostram que muitos professores em exercício na sala de aula ainda limitam o uso de recursos digitais em seu planejamento, alegando que esses trazem prejuízos, sem sobrepesar como tais recursos podem favorecer a aprendizagem.

Para ilustrar, é possível até mesmo trazer para o ambiente *off-line* da sala de aula relações multi/hipermodais construídas em rede, garantindo a presença do recurso digital adaptado para uma situação sem conexão com a internet. Por exemplo, uma atividade do *Google Search Education* pode ser desenvolvida por meio de *prints* dos resultados de busca na internet para desenvolver a compreensão dos alunos (*available designs*). O professor pode mostrar e discutir a aplicação dos recursos de busca para avaliar criticamente as fontes encontradas (*designing*) e adaptar uma atividade para o estudo de um conteúdo específico incorporando operadores de busca de como pesquisar e selecionar conteúdos (*redesigned*). Nesse processo, partimos da prática situada, resgatando experiências de mundo que os alunos relacionam com o conteúdo disciplinar a ser estudado, significando-o e relacionando-o a novas informações encontradas durante a pesquisa na web e experienciando o novo.

Recorrendo à instrução aberta, os alunos estão utilizando uma metalinguagem de design, recuperando os conceitos do Google Search sobre operadores de busca, classificando aqueles que são funcionais para a atividade de busca, analisando-os criticamente para que possam aplicar os operadores que vão contribuir para encontrarem o conteúdo que melhor atenda às necessidades da atividade. Com esse procedimento, podem desenvolver a criticidade por meio da análise e interpretação de informações relevantes.

Como afirma Lévy (2014), uma sociedade “cyberdemocrática” reclama a formação de um aluno cidadão, capaz de lidar com a dinâmica da informação em rede integrando linguagem e tecnologia. Nesta proposta de formação de professores encontramos coerência entre teoria e prática, principalmente no que interessa para as discussões e reflexões sobre os (multi)letramentos da sociedade contemporânea, que se vale das novas tecnologias da comunicação e da informação no espaço virtual da internet, utilizando-as em suas relações de comunicação diárias.

Conclusão

O curso *Multiletramentos na Escola Pública* traz uma proposta que estabelece relações diretas com a proposta da pedagogia dos multiletramentos, por favorecer teoria e prática em um ambiente de formação, em conformidade com os avanços sociais em termos tecnológicos, pois promove discussões teóricas acerca dos usos dos recursos digitais em sala de aula, por exemplo, além de oportunizar ao professor conhecer e aplicar algumas ferramentas e poder levar suas propostas de ensino para a sala de aula, favorecendo práticas em que os alunos possam construir sentidos de maneira crítica e autônoma, de acordo com os propósitos de uma aprendizagem pelo *design*.

Nessa perspectiva, o professor pode encontrar maneiras de realizar apropriações distintas de conhecimentos e construir, trocar, redimensionar conceitos, pensamentos, crenças e valores que vão repercutir em suas práticas pedagógicas. Dessa maneira, faz sentido pensar para a sala de aula um trabalho com novos letramentos possíveis, abrindo uma janela para lidar com um mundo virtual que existe paralelamente à sala de aula tradicional tida geralmente como “desconectada”, mas que a todo momento pode fazer remissão ou utilizar recursos advindos dos meios digitais, contribuindo para o ensino e aprendizagem de linguagens, de textos, de leituras e escritas que são reconfiguradas devido às novas demandas da sociedade contemporânea, essa conectada à rede virtual.

Referências

BUCKINGHAM, D. Cultura Digital, Educação Midiática e o Lugar da Escolarização, **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 37-58, set./dez., 2010.

Cope, B.; Kalantzis, M. 'Multiliteracies': New Literacies, New Learning. In: **Framing Languages and Literacies: Socially Situated Views and Perspectives**, edited by M. R. Hawkins. New York: Routledge, p. 105-135, 2013.

GIROTTI, C. G. G. S.. A (re) significação do ensinar-e-aprender: a pedagogia de projetos em contexto. **Núcleos de Ensino da Unesp**, v. 1, n. 1, 2005.

KALANTZIS, M.; COPE, B. **The Teacher-as-Designer**: Pedagogy in the New Media Age, 2011.

LÉVY, P. **Cyberdemocracy Today**. Palestra. São Paulo: SENAC, 2014. Disponível em: <<http://www.sp.senac.br/sites/pierrelevy/>>. Acesso em: 20 mai. 2014.

NEW LONDON GROUP. A Pedagogy of Multiliteracies Designing Social Futures. **Harvard Educational Review**, 66 (1), 60-92, 1996.

PROJETO: **Multiletramentos na escola pública**. Curso de extensão para formação de professores. Instituição Executora: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, SP: Unicamp, 2014.